A FORMAÇÃO DO LEITOR EM *CONVERSA DE GATOS*, DE MARCOS BAGNO

Fabiane de Oliveira Resende
Docente - UFRGS

Pesquisadores do campo do ensino da literatura compartilham a ideia de que a escolha de um texto motivador para a leitura e discussão em sala de aula é um passo decisivo no processo de letramento literário. Para Rildo Cosson (2014), é conveniente que esse texto atenda aos interesses dos estudantes e, de alguma forma, seja próximo a eles. Em acordo com outros métodos de letramento literário, a metodologia de Cosson prevê inicialmente trabalho com textos menos exigentes, que deverão ir encaminhando a outros, na sequência, de maior exigência no que se refere à participação do leitor e que contribuam para a "expansão do seu horizonte de expectativa", utilizando a expressão de Vera Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993), no texto de apresentação do "Método recepcional", por elas idealizado e fundamentado teoricamente nos pressupostos da Estética da Recepção.

O texto fabular, pensando a formação de um sujeito-leitor[14], torna-se bastante apropriado, se pensarmos na metodologia proposta por Cosson, à medida que são amplamente conhecidos e, via de regra, protagonizados por animais, temática que sempre encontrou grande aceitação junto ao público infantil e jovem, não somente na literatura, senão também nas telas de cinema e nas letras de canções. A pesquisadora espanhola Teresa Colomer (2017) aponta os animais como um frequente interesse da poesia infantil do século XX, a qual reconhece não mais ser feita "para crianças queridas", mas antes baseada "na função estética". O percurso apontado por Colomer pode ser pensado também em relação à temática em questão: de textos primeiros, em que os animais apareciam como alegorias cristalizadas de comportamentos humanos, para ensinar a estes determinadas lições, a textos contemporâneos, em que o mesmo protagonismo é exercido, com propósitos instigantes e motivadores de questionamentos, que antes de tudo, desacomodam o leitor.

Somado ao propósito de envolvimento do público-leitor, em grande medida, garantido pelo protagonismo dos animais não humanos, o gênero fábula vive um momento próspero de reescritas e novas versões, contexto em que se coloca o livro de versos *Conversa de gatos*, assinado pelo também linguista e professor, Marcos Bagno, com o qual trabalharemos aqui, na perspectiva da formação do leitor, e da sua utilização, nesse caminho, em sala de aula.

Os elementos paratextuais já dão conta de indicar o protagonismo e a personificação dos animais não humanos, no momento em que endereçam a dedicatória – tradicionalmente dirigida a pessoas importantes para a vida ou a formação profissional do autor – aos gatos: "Para Branca, Preta e Frefelte, alegrias da minha vida. E para o Dennys, gato do meu coração". A dedicatória é reforçada – ou antecipada – visualmente por três gatas desenhadas na porção inferior e centralizada da página. A conversa entre o texto verbal e visual marca uma relação afetuosa e próxima entre o autor e seus gatos.

[14] Expressão emprestada de Flávio Pereira Camargo, em "Literatura e ensino: a importância da poesia na e para a formação de profissionais do ensino de literatura e de sujeitos-leitores", texto publicado no volume *Leitura e literatura infanto-juvenil*: redes de sentido, cuja referência completa encontra-se ao final deste estudo.

[Ao término da leitura, é curioso perceber um outro caminho tomado pelo texto de Bagno, dirigindo-se ao racional, pautado pelo intelecto.]

Ao mencionar os pressupostos da Ecocrítica, linha de investigação no âmbito dos estudos literários, surgida no período de entresséculos XX e XXI, Greg Garrard salienta que a linha teórica em questão visa ao "estudo da relação entre o humano e o não humano, ao longo da história cultural humana, acarretando uma análise crítica do próprio termo 'humano'" (GARRARD, 2006, p. 16). Desse modo, trata-se de uma crítica guiada por uma perspectiva política, devido ao seu vínculo com a ecologia, e extremamente atual. O posicionamento político e o vínculo temático adotados pela Ecocrítica vêm ao encontro do que é preconizado por documentos oficiais brasileiros, como a BNCC, cujo texto inclui a cidadania e o meio ambiente como macroáreas temáticas e a educação ambiental como um de seus desdobramentos, destacando a necessidade de serem trabalhados pela escola, ao longo de toda a educação básica. E numa perspectiva crítica, questionadora e inclusiva, que contribua para os estudantes serem ativos no processo social de estabelecer relações mais igualitárias e justas com o ambiente do qual é parte integrante.

No contexto apresentado, pressupostos da Ecocrítica lançam luz ao trabalho de professores de literatura, e o livro de Bagno torna-se interessante exemplo dessa possibilidade de leitura teórica que, na sequência, pode representar um igualmente interessante trabalho em sala de aula. A Ecocrítica oferece uma visada do texto em questão que privilegia uma postura ativa do leitor, no sentido das buscas semânticas e das possíveis respostas a questões reflexivas que a "história/conversa" sugere, ligadas ao homem enquanto espécie (co)habitante deste planeta.

A relação homem – gatos (talvez, aqui, mais acertadamente gatos – homem) é o mote para a escrita do livro, pela qual a visão antropocêntrica de mundo – que se mostra, muitas vezes, autoritária e cruel, é posta em xeque, à medida que os gatos, por meio do discurso direto, emprestam sua voz para tecer considerações, elogios, mas, sobretudo, várias críticas à linguagem humana, sua arbitrariedade e ineficiência. A "história" em versos prescinde de um narrador porquanto se compõe de um diálogo entre dois gatos que, observadores e dotados de voz e de pensamento crítico, analisam o fazer humano no mundo, pelo viés de uma de suas principais faculdades, definidoras do gênero e de sua [suposta] superioridade sobre os demais seres: a capacidade de expressar-se por meio da linguagem verbal articulada:

> - Esses humanos seres são bizarros
> e mais bizarra ainda sua língua:
> falam que falam, nada porém dizem
> e a comunicação padece à míngua.

A linguagem humana aparece implodida em prolixidade e ineficácia, sob o ponto de vista do gato que, agora na posição de EU e no eixo da racionalidade, analisa e opina sobre o OUTRO, que passa a ser o homem, situado no eixo da irracionalidade, do ilogismo. O deslocamento desse eixo, note-se, também vem marcado na inversão sintática de uma expressão já "canonizada" na língua brasileira, que é "seres humanos", aqui, caprichosamente, "humanos seres". A conversa entre os gatos termina com a ratificação desse modo de ver o mundo, em que a centralidade do homem e sua suposta onisciência são observadas e contestadas. Novamente os não humanos estão em "posição paradigmática":



> – Em breve saberemos, meu compadre,
> que os gatos já nascemos prescientes;
> em nossas sete vidas aprendemos
> coisas que um ser humano nem pressente... (p. 46)

Concebido na época de vigência do "politicamente correto" (talvez por vezes exagerada para o exercício da criação ficcional, como já apontou, em conferência, a respeitada pesquisadora Lígia Chiappini), o livro de Bagno escolhe problematizar a tradicional hierarquia presente na relação entre o homem e os não humanos, os gatos, neste caso, não somente invertendo as posições, mas levando a cabo essa inversão, a ponto de os gatos domesticarem os homens. A escolha pela espécie felina torna-se significativa ainda pelo fato de os gatos serem amplamente reconhecidos por sua autonomia e "soberba".

> – Concordo prestamente, camarada,
> e vou mais longe: ai deles sem nós!
> Se não os tivéssemos domesticados,
> nosso mundo ia ser bem mais atroz... (p. 7)

Sem o peso de uma previsibilidade enfadonha ou de uma doutrinação impositiva, mas, ao contrário, com inteligência e criatividade, a conversa entre os dois não humanos, desde o início, tem o tom provocativo e envolvente, que comumente atribuímos à personalidade dos gatos. A personificação, largamente utilizada na fábula, de forma inusitada, em Bagno, recai na capacidade de crítica à linguagem verbal humana – utilizada, segundo os gatos, de maneira oportunista, aleatória, despropositada. Crítica que muitos e muitas da nossa espécie passa a vida toda sem sequer cogitar. Pondera com propriedade um deles:

> E o chocolate fino e achatado,
> LÍNGUA-DE-GATO, doce e saborosa?
> Convenha, meu amigo, nossa língua
> é uma lixa áspera, rugosa... (p.32)

Partindo dessa postura crítica, questionadora da língua e seu uso, formulam um pensamento ainda mais arguto: "[...] que na linguagem de homens nada é óbvio" (p. 14), comentário taxativo demais para não provocar algum tipo de reflexão diante da língua, cujo uso costumamos naturalizar, sem qualquer tipo de postura reflexiva, conforme afirmado há pouco. Lembrando sempre que essa atitude reflexiva e questionadora diante de algo tão cotidiano quanto o uso da língua costuma gerar maior intimidade e um trânsito mais facilitado nos diferentes momentos de usá-la, tanto na leitura quanto na produção de textos, os mais diversos. Novamente, estamos no âmbito do processo de letramento literário.

Uma brincadeira, portanto, inteligente e criativa, que toma conta de *Conversa de gatos*, tornando a leitura leve e agradável, sobretudo quando realizada oralmente, ao passo que chama atenção para importantes pautas sociais da atualidade sem descuidar da própria escrita do texto, enquanto forma e utilização poética da linguagem, para a qual também contribui o trabalho com a sonoridade (rimas, assonâncias, discurso direto e o consequente tom de conversa, anunciado já no título.

Nesse sentido, é importante pensar o fato de ser justamente a linguagem verbal, o traço que mais o torna humano e, a seu ver, superior aos demais animais, com grande poder sobre eles, por onde pauta sua relação com esses seres e com o planeta em geral. A crítica bem-humorada ao uso e à formação da língua aponta, assim, para questões mais profundas, experimentadas pela condição humana e pela forma como o homem se vê no mundo e se relaciona, especificamente, com os animais:

> – É lamentável que haja quem prefira
> a companhia inútil de outra espécie
> que se escraviza ao homem a tal ponto
> que este da própria escravidão se esquece... (p. 8)
>
> – E nem percebem esses infelizes
> o alvo de desprezo que eles são,
> pois quando se refere ao Mal supremo
> o homem utiliza o nome CÃO! (p. 9)

Tocadas de forma lúdica e criativa, em versos longos e recheados de inversões sintáticas, estão essas e outras questões que, para além da performance linguística criativa, chegam aos comportamentos humanos e aos valores cultuados e, em grande parte, responsáveis pelo mundo preconceituoso e ambientalmente descomprometido em que vivemos. Assim, o caprichoso trabalho com a linguagem transita entre a polissemia, os processos de formação das palavras, a sinonímia, a conotação e a denotação, desdobrando esses recursos linguísticos em ferramentas para criticar o comportamento do homem num espectro mais amplo. Nas duas estrofes destacadas, há um chamamento à consciência dos não humanos, desprezados e desunidos enquanto "classe". A *Revolução dos bichos* aqui é fomentada pelos gatos, cerebrais e articulados.

Pontualmente, nos trechos recém-citados, os gatos criticam a falta de união entre os cães, feitos escravos do homem, a quem se submetem e de quem recebem o desprezo, tornado claro no uso pejorativo do substantivo cão = "Mal supremo". Como em outros vários momentos do texto, há um equilíbrio entre o toque de humor, que evidencia o trabalho elaborado da linguagem, e a postura crítica que, por sua vez, convida à reflexão sobre essa relação tão longeva de convivência planetária entre homens e seres "não humanos", pautada pelo domínio e pela exploração dos primeiros sobre os demais.

Citado por Garrard (p. 14, 2006), Glotfelty explica que "a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra", de onde provém uma questão recorrente de pesquisa de extrema pertinência, considerando o texto em foco e a tradição temática fabular da literatura infantil: "Como são representados os animais no texto literário em questão?" Estudiosos dessa corrente teórica pontuam seu teor político, de levar o leitor a reavaliar o próprio sentido do termo "humano". Um chamado à tomada de consciência por parte do leitor que, atuante em sociedade, considera estabelecer relações mais respeitosas e igualitárias com os demais seres.

Retomando, porém, a questão suscitada pela Ecocrítica e também o que já comentamos acerca do protagonismo animal em *Conversa de gatos*, a representação do gato é o centro da história: é ele quem fala e dele o ponto de vista a partir do qual o mundo é visto. Contrariando a citação de Berger, destacada por Garrard (p. 196, 2006), para quem, "os animais são sempre os observados", "como bichos de estimação da

família, personagens da Disney, ou então objetos de espetáculo, não raro em livros e filmes sobre a vida selvagem", os gatos de Bagno tampouco servem de símile pejorativo, a exemplo de "teimosos como uma mula": ao contrário, são espertos, argutos, articulados, questionadores, predicativos que os colocam no eixo da tomada de posição e da ação. Não servem ao propósito de encarnar o bem e o mal do homem, a fim de ensinar à sociedade exemplos e contraexemplos, como se dá na tradição das fábulas tradicionais.

Por tudo que foi dito: *Conversa de gatos* em sala de aula ou Considerações finais:

Conversa de gatos é, pelo que até aqui foi apontado, uma obra bastante significativa se pensarmos sua possibilidade de trabalho em sala de aula, em um planejamento de ensino de literatura, com vistas à formação de leitor. Ágil no tom de conversa e nas constantes trocas semânticas, o livro apresenta um sofisticado trabalho com a linguagem que exige a contínua postura ativa do leitor. Um desafio em formato de jogo, que se dá ao nível da expressão e também do conteúdo, ao provocar reflexões existenciais, que nos convidam a pensar, em última instância, nosso próprio processo de humanização e de relações planetárias.

Os pressupostos da Ecocrítica conduzem uma leitura crítica, desacomodando o leitor em dois pontos cruciais de sua formação e atuação no mundo contemporâneo e para a sua cidadania: a reflexão acerca da utilização da linguagem e as relações ambientais. Aqui tais pressupostos teóricos foram utilizados para jogar novas luzes sobre as possibilidades de leitura de um tema tão recorrente e significativo para a literatura infantil como gênero, que é a representação animal, em especial, nos textos contemporâneos.

A representação animal no livro de Bagno serve para questionar a linguagem verbal humana e, por extensão, o comportamento do homem como todo, além de inusitada, causadora de certo estranhamento, é também desafiadora para as competências linguísticas dos leitores em formação e provocadora de um olhar crítico para nossa posição antropocêntrica de ver o mundo e de nos relacionarmos com os seres ao nosso redor, pautas sociais urgentes do nosso tempo.

Já não é de hoje a comprovação de que o aprendizado das competências linguísticas pelo viés da ludicidade é eficiente a curto e longo prazos: o criativo processo compositivo do livro em questão aponta para as evidentes e múltiplas abordagens e possibilidades de trabalho em sala de aula e em diferentes níveis escolares.

Conteúdos como a polissemia, os processos de formação das palavras, as figuras de linguagem, a sinonímia e competências como o aumento do repertório lexical [aqui, de modo leve e curioso, que se desdobra na oralidade e na escrita], valendo destacar serem mais de quarenta palavras, entre elas prestamente, gambiarra, desrazão, alfarrabista, capciosa... para citar algumas, com grande probabilidade de o seu significado não ser conhecido pelas crianças/pré-adolescentes.

Nesse sentido, ao contrário do que observo em vários alunos dos cursos de licenciatura que, muitas vezes, optam por trabalhar com textos cujo repertório lexical seja conhecido e próximo dos estudantes, *Conversa de gatos* propõe um caminho oposto e convoca os leitores, fomentando sua natural curiosidade, a irem à procura dos significados desconhecidos. O que ocorre porque eles têm a sua curiosidade aguçada pela leitura; o livro, portanto, investe no desafio ao leitor, algo que a escola precisa

instigar e apresentar como positivo, não somente diante da leitura, mas da vida em sociedade.

Uma leitura assim, de tão largo alcance, acaba por também potencialmente sugerir o trabalho de escrita criativa, também parte do processo de letramento literário. Nas experiências em minhas salas de aula na universidade e na educação básica, esse tipo de proposta de produção textual costuma ser bastante produtiva e muito bem acolhida pelos estudantes, somando no entendimento de trabalhar a leitura e a escrita aliadas ao prazer e ao desafio. E com isso a criatividade e a originalidade, tão esquecidas quanto necessárias na formação de um/a cidadão/ã.

No âmbito do letramento literário, o livro ainda potencializa futuras leituras ficcionais, por exemplo, em que os felinos sejam protagonistas e/ou narradores; em que os animais se conscientizem de seus direitos e os reivindiquem; outros textos poéticos cuja construção linguística se paute na polissemia, nos trocadilhos, na utilização de expressões/provérbios populares... enfim um livro que se mostra uma rica colcha de retalhos coloridos e atraentes e que, assim conduzido, desvela outro grande potencial, que são as relações intertextuais, igualmente presentes no processo compositivo de *Conversa de gatos.*

De tudo que aqui foi dito, fica mais um registro de que a poesia é preciso e prazerosa. E, por isso, seu lugar é também a sala de aula, desde cedo e até sempre!
Referências

Referências

BAGNO, Marcos. *Conversa de gatos*. Ilustrado por Miguel Bezerra. São Paulo: Pá de Palavra, 2014.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura:* a formação do leitor – alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COENGA, Josemar (org). *Leitura e literatura infanto-juvenil*: redes de sentido. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

COSSON, Rildo. *Círculos literários em sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2021.
_____. *Letramento literário*: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

JACOBY, Sandra. *A criança e a produção cultural*: do brinquedo à literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
Floresta de bichos.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2018